



PRECONCEITO EM FOCO NA SALA DE AULA: ENTRE O DEBATE O TRABALHO DE CAMPO

Priscila Aquino Silva

Universidade Federal Fluminense/ Faculdade de São Bento/ Instituto GayLussac

priscila.aquino@gmail.com

Resumo

Eurocentrismo e ensino de História são duas instâncias que têm caminhado lado a lado ao longo da construção da disciplina nos livros didáticos e nas salas de aulas no Brasil. Ao valorizar a arte, a cultura e a história europeias enquanto fundadoras de nossa identidade, o currículo de História se tornou além de eurocêntrico, etnocêntrico. O conceito de etnocentrismo e seu resultado prático em uma sociedade que reproduz o racismo foi o foco de uma atividade didática que envolveu os alunos do 6º ano do Ensino Fundamental de uma escola da rede privada de Niterói, Rio de Janeiro. O objetivo foi colocar em debate o preconceito racial através da discussão sobre racismo institucional e estrutural, envolvendo os

alunos em um trabalho de campo em quatro lugares diferentes da cidade. O presente artigo pretende apresentar essa proposta didática, atuando como divulgador de uma atividade que pode ser reproduzida em outros ambientes escolares.

Palavras-chave: Racismo institucional – Racismo Estrutural – Etnocentrismo – Ensino de História

Abstract

Eurocentrism and History teaching are two instances that have walked side by side throughout the construction of the discipline in textbooks and classrooms in Brazil. By highlighting European art, culture and history as founders of our identity, the curriculum of History has

become more than Eurocentric, ethnocentric. The concept of ethnocentrism and its practical result in a society that reproduces racism was the focus of a didactic activity that involved the students of the 6th grade elementary school of a private school in Niterói, Rio de Janeiro. The objective was to challenge racial prejudice through the debate of institutional

and structural racism, involving students in a field work in four different places of the city. The present article intends to present this didactic proposal, acting as divulger of an activity that can be reproduced in other school environments. **Key words:** Institutional Racism - Structural Racism - Ethnocentrism - Teaching History s.

Introdução

Eurocentrismo e ensino de História são duas instâncias que têm caminhado lado a lado ao longo da construção da disciplina nos livros didáticos e nas salas de aulas no Brasil. A constituição da Europa medieval, o Renascimento, a Expansão Marítima, a Escravidão, a Colonização, a Conquista da América, todas são temáticas presentes no material didático que colocam à parte a História da África ou a História Ameríndia, tão pertinentes para compreensão da identidade nacional. De fato, o historiador indiano Dipesh Chakrabarty, um grande crítico ao eurocentrismo na História, revela que as histórias das nações periféricas acabam por ser tornar uma variação de uma narrativa mestra, que seria a própria história da Europa e que acaba por colocar as histórias nacionais em uma posição subalterna¹. Ao valorizar predominantemente a arte, a cultura e a história europeias enquanto fundadoras de nossa identidade, o currículo de História se tornou além de eurocêntrico, etnocêntrico. O conceito de etnocentrismo e seu resultado prático em uma sociedade racista foi o foco de uma atividade didática que envolveu os alunos do 6º ano do Ensino Fundamental de uma escola da rede privada de Niterói, Rio de Janeiro². O objetivo foi colocar em debate o preconceito racial através da análise do racismo

¹ CHAKRABARTY Apud BORTOLUCI, José Henrique. *Para além das Múltiplas Modernidades: Eurocentrismo, Modernidade e as Sociedades Periféricas*. In: PLURAL, Revista do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da USP, São Paulo, v. 16, n. 1, 2009. p. 59.

² A escola que foi palco desse projeto foi o Instituto GayLussac na disciplina de Cidadania e Salvaguarda. O GayLussac é uma escola do Programa de Escolas Afiliadas da UNESCO e por isso tem como foco uma formação voltada para os direitos humanos e a responsabilidade ambiental em sua grade curricular. Agradeço à Diretora Geral, Luíza Sassi, e à Vice-Diretora e Coordenadora, Renata Pestana pela oportunidade e o incentivo em realizar esse trabalho. Agradeço também a todo o time da escola que fez esse trabalho possível, do motorista aos auxiliares, do setor de Divulgação ao setor de TI - que me ajudou em partes técnicas - e aos outros professores que cederam tempos preciosos de aula para o trabalho de campo da disciplina. Agradeço em especial aos meus colegas Gustavo Abreu e Gláucia Mourão, que desenvolvem o Projeto Literário da etapa junto com a disciplina que ministro

institucional e estrutural, envolvendo os alunos em um trabalho de campo em quatro lugares diferentes da cidade. O presente artigo pretende apresentar essa proposta didática, atuando como divulgador de uma atividade que pode ser reproduzida em outros ambientes escolares.

A inspiração para esse trabalho surgiu em reunião de professores, com a constatação que as crianças da escola, de classe média, em sua grande maioria brancas, precisavam tratar sobre o tema do preconceito de maneira mais aprofundada. Assim, a disciplina escolhida para trabalhar com essa temática foi a disciplina de Cidadania e Salvaguarda³, que tem como proposta mergulhar de maneira interdisciplinar em conceitos tratados pela História, Filosofia, Sociologia e outras disciplinas afins. A disciplina, criada em 2019, é um espaço de desenvolver a consciência de direitos e deveres, aprender o que significa ser cidadão e debater a importância da proteção da criança e do adolescente na sociedade. Nesse sentido, acredita-se que cidadania significa o cumprimento de deveres e direitos por parte da sociedade. E para que isso ocorra é imprescindível conhecê-los. A ideia é abrir espaço nos bancos escolares para documentos como a Constituição brasileira e o Estatuto da Criança e do Adolescente. Questões como a representatividade, as ideias de função, hierarquia, ponto de vista, escuta, liderança são lançadas com alunos de diversas séries. O debate filosófico e de desenvolvimento do pensamento crítico e sociológico também está presente: o que, afinal, é ser político? Como se estabelecem as relações de poder? Como nasce a consciência cidadã? A disciplina vai do Ensino Fundamental 1 ao Ensino Médio, com uma ementa jovem que está em fase de implementação.

Assim, no planejamento do 6º ano do Ensino Fundamental, foi incluído o estudo do etnocentrismo, focalizando três preconceitos específicos: o racismo, a xenofobia e o machismo. Para isso, utilizou-se da definição de Everardo Guimarães Rocha⁴, que percebe o etnocentrismo como uma visão do mundo onde nosso próprio grupo é tomado como centro de tudo e todos os outros são pensados e sentidos através dos nossos valores, nossos modelos, nossas definições do que é existência. Intelectualmente, trata-se de uma dificuldade de pensar a diferença, a alteridade. Afetivamente, é a estranheza, medo e hostilidade com o diferente (xenofobia). O fenômeno mistura elementos racionais, intelectuais e afetivos. Os alunos foram apresentados aos conceitos de etnocentrismo e alteridade e perceberam que o etnocentrismo se desenvolve

³ O grupo Cognita nasceu na Inglaterra e a Salvaguarda se trata de uma série de políticas e procedimentos de proteção à criança e ao adolescente que se aprofundou a partir da incorporação da escola ao grupo inglês. Segundo sua proposta, toda criança e adolescente deve ser colocado em segurança. Ou seja, é preciso garantir o bem-estar físico e emocional deles no ambiente escolar e estabelecer ações de prevenção de perigos por meio da aplicação de políticas internas, treinamentos contínuos e auditorias periódicas. Mais informações sobre a Salvaguarda no site da escola. Cf. <https://www.gaylussac.com.br/salvaguarda> Acessado em 07 de agosto de 2019

⁴ ROCHA. Everardo Guimarães P. *O que é etnocentrismo*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1989. p. 5

através das emoções, pensamentos e representações que fazemos da vida daqueles que são diferentes de nós. Assim, os alunos perceberam o etnocentrismo passa sempre por um julgamento do “outro” como inferior, absurdo ou anormal. Segundo Rocha, em nossa a civilização ocidental temos diversos mecanismos de reforço do etnocentrismo através de representações negativas do outro. A mídia e a Indústria Cultural como um todo são repletas de exemplos de etnocentrismos⁵.

Outro autor que ajudou na elaboração do conceito com as turmas foi Roque de Barros Laraia:

“O fato de que o homem vê o mundo através de sua cultura tem como consequências a propensão em considerar o seu modo de vida como o mais correto e o mais natural. Tal tendência, denominada etnocentrismo, é responsável em seus casos extremos pela ocorrência de numerosos conflitos sociais. O etnocentrismo, de fato, é um fenômeno universal. É comum a crença de que a própria sociedade é o centro da humanidade, ou mesmo a sua única expressão. (...) Tais crenças contêm o germe do racismo, da intolerância, e, frequentemente, são utilizadas para justificar a violência praticada contra os outros”⁶.

Partindo desse conceito, debatido e pesquisado em casa e em aula, os alunos constataram que ele é a origem de preconceitos e atitudes discriminatórias. Dentre os vários preconceitos debatidos em sala de aula⁷, foram selecionados três para análise e debate mais detalhado, conforme já sinalizado, e um para a atividade principal da etapa letiva. Nesse sentido, concorda-se com Silvio Luiz de Almeida, que distingue preconceito, racismo e discriminação. Para ele, o preconceito deve ser compreendido como a construção de um conceito sobre determinado grupos a partir de condições históricas e sociais. Já o racismo, demonstra Almeida, se trata de uma maneira “*sistemática de discriminação que tem a raça como fundamento, e que se manifesta por meio de práticas conscientes ou inconscientes que culminam em desvantagens ou privilégios, a depender ao grupo racial ao qual pertençam*”⁸. A discriminação é a ação, a

⁵ Idem. Ibidem, passim.

⁶ LARAIA, Roque de Barros. *Cultura, um conceito Antropológico*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. 2001. p. 38.

⁷ Xenofobia, racismo, machismo, gordofobia, antissemitismo, islamofobia foram alguns dos preconceitos pesquisados e debatidos em sala de aula.

⁸ DE ALMEIDA, Silvio Luiz. *O que é racismo estrutural?*. Belo Horizonte: Letramento, 2018. p. 25.

atitude de diferenciar o tratamento em razão da raça. De fato, o etnocentrismo se revela presente na abordagem que a Europa Liberal e o pensamento iluminista deram ao surgimento da noção de humanidade. Achille Mbembe⁹ enfatiza que o surgimento da noção de humanidade se dá ao garantir uma separação definitiva entre “brancos”, que eram sinônimo de homem nesse contexto, e “negros”, que representavam a alteridade absoluta e desvalorizada, o “outro” julgado como inferior, que precisaria ser submetido e controlado, o que justificaria a saga colonizadora e “civilizatória” do homem branco na África e que permitiria a coisificação do “negro” sem ferir a legalidade. A crítica de Mbembe é importante em um momento em que os alunos estão refletindo sobre as diferenças, as semelhanças e o dessemelhante no mundo contemporâneo do qual tomam parte, em uma paisagem social que se mostra a cada dia mais hostil com os “outros” instituídos.

A abordagem do racismo foi iniciada com a estratégia pedagógica do debate a partir de temas levantados por vídeos curtos disponíveis na plataforma Youtube. Como o público do debate são crianças de 10 a 12 anos, optou-se por iniciar as discussões através da questão dos brinquedos, brincadeiras e bonecas, abordando a ausência de bonecas, super-heróis e princesas negras e a questão da representatividade. Essa discussão se iniciou através do vídeo que apresenta um experimento psicológico realizado na década de 40 nos EUA com crianças negras e bonecas.¹⁰ O objetivo do "Teste da boneca", realizado por Kenneth and Mamie Clark, foi testar o grau de marginalização sentido por crianças afro-americanas e causado por preconceito, discriminação e segregação racial¹¹. O teste é explicado na página da primeira organização legal fundada para a luta pela justiça racial no EUA, NAACP Legal Defense and Educational Fund, Inc:

“Dr. Clark usou quatro bonecas idênticas, exceto pela cor, para testar a percepção racial das crianças. Os participantes, crianças entre três a sete anos de idades, foram solicitados a identificar tanto a raça das bonecas quanto qual a cor da boneca que preferiam. A maioria das crianças preferiu a boneca branca e atribuiu características positivas a ela.

⁹MBEMBE, Achille. APUD ROBYN, Ingrid. *Capitalismo, esquizofrenia e raça. O negro e o pensamento negro na modernidade ocidental*. In: Topoi (Rio J.) vol.18 no.36 Rio de Janeiro Sept./Dec. 2017. Passim

¹⁰ Utilizou-se dois vídeos, os dois reproduzindo o experimento – um americano e outro italiano e mais recente. Os dois são encontrados nos seguintes links: reprodução do vídeo americano - <https://www.youtube.com/watch?v=DDO3RrxmCeQ>. Reprodução do vídeo italiano - <https://www.youtube.com/watch?v=CdoqgmNB9JE> Acessado em 30 de junho de 2019

¹¹ Para ler mais sobre o experimento, recomenda-se o artigo. Cf: NAACP Legal Defense and Educational Fund, Inc “*The significance of “The Doll test”*”. Disponível em <https://www.naacpldf.org/ldf-celebrates-60th-anniversary-brown-v-board-education/significance-doll-test/> Acesso em 30 de jun. 2019

A conclusão de Clarck foi que “preconceito, discriminação e segregação” criaram um sentimento de inferioridade entre as crianças afro-americanas e prejudicaram sua auto-estima”.

O experimento causa reflexão nas turmas de 6º ano e nas quatro turmas foi possível identificar a pergunta: “Mas essas crianças estão sendo racistas. E elas são negras. Elas são racistas com elas mesmo?”. Trata-se do pontapé para discutir que o racismo é uma estrutura de pensamento¹² que permeia toda a sociedade e que está presente nos brinquedos, nos desenhos e representações que uma criança tem contato desde o seu nascimento. Assim, os alunos vão identificando de forma direcionada a menor presença de personagens e protagonistas negros nas TVs, revistas, jornais, desenhos, e cinema em comparação com personagens e com a própria cultura branca. Aqui, muitos confundem racismo com bullying e essa questão se tornou clássica em todas as turmas. Bullying e racismo são atitudes que violentam as pessoas e o desafio é fazê-los entender que o racismo é algo maior, coletivo, e de maior impacto na vida cotidiana da pessoa que o bullying, que afeta o indivíduo em ambientes específicos.

A reafirmação constante da existência do racismo no Brasil é de grande importância, já que durante muito tempo o conceito de democracia racial e o de meritocracia andaram lado a lado. O sociólogo Gilberto Freyre foi um grande divulgador dessa ideia, já presente em outras instâncias para além da academia. Apesar de reconhecer a existência de prejuízo racial no país, se inspirou na ideia de democracia racial, presumindo que a distância social entre negros e branco na sociedade brasileira seria resultado de diferença de classe e não do racismo¹³. Essa ideia ainda está enraizada no imaginário social e é possível perceber que os alunos se questionam muito pouco sobre a pouca presença de alunos negros na escola ou de negros em posição de liderança no mundo que os rodeia, nos comerciais, filmes, cinema ou mesmo entre os super-heróis e princesas que fazem parte do universo infantil.

Outro vídeo utilizado é o documentário “Olhos azuis”¹⁴, que acompanha as experiências sobre racismo feitas pela professora e socióloga Jane Elliott. Em sala de aula, foi selecionado o trecho que remete ao primeiro documentário feito por Elliott, que recebeu um prêmio Emmy,

12 Cf: DE ALMEIDA, Silvio Luiz. op. cit.

13 MACHADO, Celso Júnior, BAZANINI, Roberto e MANTOVANI, Daielly Melina Nassif. *O mito da democracia racial no mercado de trabalho: análise crítica da participação dos afrodescendentes nas empresas brasileiras*. Revista Organizações & Sociedade - v. 25, n. 87, p. 632-655, out./dez. 2018 DOI 10.1590/1984-9250875 | ISSN Eletrônico – 1984. p. 633.

14 O documentário de 1996 com legendas em português está disponível na íntegra e dependendo do tempo disponível pelo professor para isso, é uma poderosa ferramenta de reflexão. Cf: <https://www.youtube.com/watch?v=In55v3NWHv4> Acesso em 30 de jun. 2019.

“*The Eye of Storm*”, onde ela inicia sua experiência, na época em que ainda era uma professora primária. O extenso documentário faz uma experiência social de segregação racial através da cor dos olhos. Jane reproduz tratamentos conferidos aos negros na sociedade Norte-Americana tendo como critério a cor dos olhos, algo que não poderia ser controlado. Recortar esse trecho facilita o trabalho com as crianças do 6º ano, já que elas se demonstram empáticas com as crianças do experimento e depois conseguem assistir aos relatos das mesmas crianças mais velhas e ver a importância do experimento na vida de cada uma delas. A grande maioria dos vídeos apresentados possuem a característica de serem experiências sociais e antropológicas, mostrando aos alunos a importância dessa metodologia de pesquisa.

Esse e outros vídeos¹⁵ foram usados para suscitar a reflexão e fomentar o debate em sala de aula, em um planejamento de pelo menos 5 aulas, da apresentação dos conceitos ao debate. Mas o vídeo que dá base ao trabalho de campo é o teste de imagem promovido pelo Governo do Estado do Paraná¹⁶. Nele, profissionais de Recursos Humanos foram separados em dois grupos. Para o grupo 1, apresentaram imagens de pessoas brancas e se faz uma pergunta bem genérica sobre a imagem. Dessas imagens surgiram impressões sobre donas de casa, executivos, uma pessoa com pressa, uma grafiteira. Para o grupo 2, são apresentadas imagens de pessoas negras. A grande maioria das respostas do grupo 2 colocou os negros em posição social inferior aos brancos. Do grupo 2, foi possível escutar, para imagens semelhantes, respostas como empregada doméstica, segurança, ladrão e pichadora. A proposta do vídeo é revelar o racismo institucional¹⁷, uma forma de preconceito velada nas relações sociais¹⁸. O vídeo foi a inspiração para realizar um teste semelhante pelas ruas da cidade de Niterói, com o objetivo de identificar o racismo estrutural.

Racismo institucional também foi um conceito trabalhado. Para perceber que o Estado brasileiro teve uma atuação racista, com políticas higienistas, os alunos visitaram o Museu da

¹⁵ Também foi usado o vídeo do cientista Neil DeGrasse Tyson, em que ele compara a situação das mulheres com a dos negros na ciência em termos das dificuldades que os dois sofrem no ambiente científico por causa do preconceito. As crianças ficam muito tocadas com a história que o cientista conta sobre estar em uma loja de departamentos e sair da loja ao mesmo tempo que um homem branco, quando tocou o alarme de furto. Os seguranças pararam ele e deixaram o verdadeiro ladrão ir embora. Os alunos, em sua maioria brancos, ficam muito impressionados com essa fala. Cf: <https://www.youtube.com/watch?v=azH49eg9rcg> Acesso em 30 de jun. 2019.

¹⁶ Cf: https://www.youtube.com/watch?v=JtLaI_jcoDQ Acesso em 30 de jun. 2019.

¹⁷ O vídeo fala em racismo institucional, já que faz a experiência com profissionais de Recursos Humanos, responsáveis por contratação em empresas, demonstrando como uma pessoa negra em iguais condições e formação de uma pessoa branca sai em desvantagem devido ao racismo institucional. Como nas ruas, com o trabalho de campo com os alunos, não existia essa via institucional, analisamos o racismo estrutural

¹⁸ Ao final do vídeo aparece um link do site que estava ativo em 2017 e de onde era possível baixar imagens da experiência e alguns dados sobre o racismo no Brasil. Como essa atividade havia sido feita na escola em 2017, essas imagens foram usadas e baixadas, apesar do site não estar mais disponível.

Imigração, na Ilha das Flores. A visita guiada levou os alunos a desvendar que o local abrigou a mais antiga Hospedaria de Imigrantes das Américas, passando por dois momentos: o Circuito a Céu Aberto e o Espaço de Exposições Casa do Intérprete. Os guias são todos historiadores ou estudantes de história da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), que tem parceria com o Complexo Naval da Ilha das Flores, onde fica o museu. A visita suscitou várias descobertas e aprofundou temas trabalhados em sala de aula no projeto literário da etapa, que uniu Português, Produção Textual e Cidadania e Salvaguarda em torno do livro “O Barco das Crianças”, de Mario Vargas Llosa. O livro narra a história de um grupo de crianças durante a Idade Média que se lança na aventura religiosa das Cruzadas e acaba perdida em um barco invisível que visita os países e momentos históricos ao longo do tempo. O livro foi utilizado para tratar da questão dos refugiados, com o tema da xenofobia, mas oportunizou a visita ao Museu que contribuiu com a reflexão dos alunos quanto às políticas raciais no Brasil. Durante o passeio, os alunos aprenderam sobre a política de “embranquecimento” da população pretendida pelo governo brasileiro ao incentivar a imigração europeia; conheceram a história de alguns imigrantes que passaram pelo local; observaram a hospedaria que conserva a arquitetura original do período. Uma aluna¹⁹ da turma 6M3 registrou: “Vimos que o Estado brasileiro queria trocar a mão de obra negra liberta após a escravidão por mão de obra europeia”. O relato da aluna mostra a compreensão de uma política de Estado que privilegiava o branco europeu em detrimento da mão de obra negra liberta.

Imagem 1 - Visita Guiada dos alunos



Nesse sentido, acredita-se que o trabalho de campo e o estudo do meio são práticas pedagógicas interdisciplinares ricas para o ensino das Ciências Humanas e para a História. A proposta metodológica é edificar um conhecimento através da realidade vivenciada pelo aluno

¹⁹ Por uma questão de sigilo e segurança, optou-se por não revelar o nome dos alunos

em um instrumento didático e de pesquisa fundamental, que permite que o aluno tome contato direto com o que foi debatido em sala de aula²⁰. Circe Maria Bittencourt nota que o “estudo do meio” é uma prática pedagógica caracterizada pela interdisciplinaridade defendida de forma arguta pelo educador Celestin Freinet, que se coloca em prol do estudo da realidade próxima ao aluno, feita a partir de observações concretas no ambiente vivo, sendo essa prática sua base metodológica²¹. Assim:

“Para as disciplinas de História, Geografia e Artes, o ‘meio social e físico’ corresponde a um laboratório de ensino. A sociedade, em suas relações temporais e espaciais normalmente apresentada por textos escritos ou pela iconografia, situa-se em outra dimensão e profundidade ao ser observada diretamente, pois neste caso surge a oportunidade de dialogar com pessoas, identificar construções privadas e públicas, atentar para fatos cotidianos que geralmente passam despercebidos e transformá-los em objeto de estudo, de análise, de descoberta”²²

Concorda-se com Bittencourt quando ela afirma que do ponto de vista do desenvolvimento intelectual, o estudo do meio favorece a aquisição de uma série de capacidades, como a observação, o domínio de organizar e analisar registros orais e visuais, além de ser um trabalho coletivo, estimulando a habilidade de atuar em equipe. Para ela, é preciso que em atividades dessa natureza, a quebra de rotina que representa a saída escolar seja acompanhada de uma divisão de tarefas de coleta de dados e informações para que seja um trabalho representativo e não se transforme em sinônimo de uma “excursão” ou passeio.²³ A importância da definição com precisão pelo docente do estudo do meio é apontado por Circe como essencial.

Por isso, antes de ir a campo salientamos a importância da pesquisa e debate de conceitos que foi apresentada até agora. Depois que os alunos estavam com os olhares afinados para o

²⁰ Cf: MARTINEZ, Aldilson, LEME, Ricardo Carvalho. O trabalho de Campo como metodologia de Ensino de Geografia – o estudo de caso da Vila Malvima – Guaíra/ PR. Disponível em: http://www.gestaoescolar.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/producoes_pde/artigo_adilson_martinez.pdf. Acesso em 30 de jun. 2019.

²¹ BITTENCOURT, Circe M. Fernandes. *Ensino de História: fundamentos e métodos*. São Paulo: Cortez, 2005. p. 273-274.

²² Idem, *ibidem*. p. 274.

²³ Idem, *ibidem*. p. 273.

tema, a proposta colocada em prática foi fazer um trabalho de campo. A turma foi dividida em trios e cada um dos trios das 4 turmas recebeu uma imagem, um questionário e a missão de fazer 10 entrevistas em locais diferentes da cidade. Com prancheta na mão, os alunos visitaram o Campos de São Bento, o Plaza Shopping, a Praia de São Francisco e de Icaraí. Os locais que foram visitados buscaram dois fatores essenciais: a segurança dos alunos e a amostragem de um público cuja condição financeira, cultural e social fosse similar ao dos estudantes. As 4 turmas colheram uma amostragem de mais de 400 entrevistas com uma pergunta bem aberta: “O que você vê nessa imagem?”. O objetivo era fazer um teste do racismo nos moldes da experiência do vídeo do Governo do Estado do Paraná²⁴. Acredita-se que o trabalho de campo é um exercício prático próprio do saber científico e das Ciências Humanas e que poderia ser mais aplicado em sala de aula²⁵. Os critérios anotados pelas crianças na entrevista partiram de uma ficha distribuída pela professora e foram os seguintes:

Entrevistado	Valorizado	Desvalorizado	Neutro	Resposta
Entrevistado 1				

Durante a entrevista nas ruas, a tarefa era apenas anotar as respostas na ficha entregue pela professora. A análise da resposta, identificando-as em valorizadas, desvalorizadas ou neutra, foi feita em sala de aula, quando as turmas trabalharam os dados documentados, construíram gráficos, elaboraram hipóteses e apresentaram como produto final, cartazes com o aprendizado. O resultado do trabalho foi apresentado para a comunidade escolar no mural principal da escola. De maneira geral, existiram imagens que não revelaram racismo por parte dos entrevistados. Outras imagens revelaram racismo em todas as entrevistas das turmas. Abaixo um registro dos alunos fazendo a entrevista na praia de São Francisco.

Imagem 2 – um registro da experiência

²⁴ Cf: Racismo Institucional – teste de imagem- Campanha Governo do Paraná. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=JtLaL_jcoDQ Acesso em 30 de jun. 2019

²⁵ Em 2019 a proposta foi fazer o trabalho de campo em locais da cidade, mas em 2017 a mesma experiência havia sido feita dentro da escola, algo que pode ser facilmente reproduzido em várias outras instituições de ensino no Brasil. No caso do GayLussac, no teste feito em 2017, no geral, 80% das respostas eram valorizadas ou neutras para ambas as imagens. Contudo, uma média de 20% das respostas revela que, quando se fala de racismo, ainda se tem bastante o que fazer dentro da escola. Cf: <https://www.gaylussac.com.br/acontece/experimento-de-preconceito-racial/> Acesso em 30 de jun. 2019.



Os alunos puderam notar algumas diferenças entre as respostas das imagens. A imagem mais reveladora da pesquisa foi a imagem das mulheres em ambiente doméstico²⁶. Enquanto 100% das respostas da imagem da mulher branca foi valorizada ou neutra – indicando-a como dona de casa ou mãe – à mulher negra os alunos se depararam com 20% de respostas desvalorizadas²⁷ – indicando-a como faxineira e empregada doméstica. A imagem da mulher olhando roupas também é reveladora. Enquanto a imagem da mulher branca revela “poder de escolha e luxo”, uma “mulher arrumando seu armário”; a imagem da mulher negra obteve 20% de respostas que indicavam uma posição social inferior – como vendedora ou trabalhadora de loja. Por fim, a imagem do homem de terno, que quando branco é interpretado sempre de maneira socialmente valorizada, como um executivo, um advogado ou um juiz; no caso do homem negro de terno, os alunos obtiveram 20% das respostas socialmente desvalorizadas, como um assistente de advogado, além de uma fala racista – “você tinham que colocar logo o neguinho para mim?”.

As imagens mais significativas juntamente com as frases anotadas por cada grupo foram selecionadas pela professora para elaboração do mural e figuram na **Imagem 3**.

Imagem 3

²⁶ A disciplina problematiza, logo após a análise do racismo, a questão do machismo e o acúmulo de tarefas domésticas e cuidado de crianças pelas mulheres na realidade brasileira. São analisados dados do IBGE com relação à distribuição dos serviços domésticos por gênero no país e debate-se sobre a desigualdade dessa participação entre homens e mulheres nas atividades da casa e no cuidado com as pessoas. Um vídeo que suscita esse debate é o comercial de um sabão em pó, inspirado na sociedade indiana, onde essa divisão também é muito desigual. Importante notar que, em sala, também se problematiza a palavra utilizada no vídeo – de que o pai irá “ajudar” a mãe -, já que se percebe que a tarefa doméstica é uma atribuição de todas as pessoas que moram na casa e não responsabilidade da mulher para que ela precise de “ajuda”. Cf: <https://www.youtube.com/watch?v=8j8CVIIIJUo> Acesso em 07 de ago. 2019. Recomendamos para aprofundar a leitura nessa área o artigo de Flávia Biroli. Cf: BIROLI, Flávia. *Divisão Sexual do Trabalho e Democracia*. In: DADOS – Revista de Ciências Sociais, Rio de Janeiro, vol. 59, no 3, 2016.

²⁷ Os índices apresentados se referem à análise conjunta dos cartazes de todas as 4 turmas. Os cartazes selecionados podem não apresentar exatamente a mesma divisão de respostas apresentada no texto.



IMAGEM DAS MULHERES LIMPANDO A CASA



IMAGEM DA MULHER NEGRA
80% das respostas: negativas, indicando categoria social inferior à da mulher branca
20%: positivas ou neutras
“É uma faxineira”.
“É uma empregada doméstica”.



IMAGEM DA MULHER BRANCA
100% das respostas: positivas ou neutras.
“É uma dona de casa”.
“É uma mãe arrumando a casa”.
“É uma mulher arrumando e limpando a casa”



IMAGEM DE MULHERES OLHANDO ROUPAS



IMAGEM DA MULHER BRANCA
100% positivas ou neutras
“A imagem revela luxo, poder de escolha”.
“Está arrumando seu armário”.
“Uma moça loira bonita vestindo tons pastéis escolhendo uma roupa de tom suave”.



IMAGEM DA MULHER NEGRA
80% positivas ou neutras
20% negativas
“Está trabalhando em uma loja chique”.
“Está arrumando as roupas da loja”.
“Uma vendedora”.



IMAGEM DE HOMENS USANDO TERNO



IMAGEM DO HOMEM NEGRO DE TERNO
90% positivas ou neutras
10% negativas
“É um assistente de advogado”.
“Um advogado... mas vocês tinham que colocar logo um ‘neguinho’ para mim?”.



IMAGEM DO HOMEM BRANCO DE TERNO
100% positivas ou neutras
“É um empresário”
“É um advogado”
“É um juiz”

Abaixo, seguem alguns cartazes produzidos pelas turmas como resultado das entrevistas. O objetivo era fazer dois gráficos em pizza, um com as respostas das imagens de pessoas brancas e outro com a imagem da pessoa negra, selecionando uma fala significativa das 10 entrevistas para figurar no cartaz e respondendo a duas perguntas: O que aprendemos no trabalho? O que aprendemos sobre racismo? Nesse sentido, o trabalho se torna ainda mais interdisciplinar ao instigar as crianças a aplicarem suas respostas na elaboração de um gráfico, utilizando a linguagem matemática e incentivando o uso do Excel.

Cartaz 1

Análise sobre racismo

GRUPOS
 -Thais -Eduardo T.
 -Lucas -Lucas
 -Bárbara -Lucas B.
 G13

1 O que aprendemos no trabalho?

R: Aprendemos que precisamos não nos deixar pela influência da sociedade e pelos padrões de beleza, idade, cor, magra. Muitas em relação a que o racismo institucional.

2 O que aprendemos sobre o racismo?

R: Chamamos que o racismo é algo que, apesar da luta contra, continua presente em nossa sociedade, e que deve ser tratado para não se tornar um **GRANDE** problema.

Uma moça loira, bonita, vestindo tons positivos, escolhendo uma roupa de tom suave.

Uma vendadora.

16/10
 Não se esqueça de avaliar o trabalho!

Cartaz 2

Análise do Racismo

MANUELA, 12, BRUNO, CULHETA, LUCAS R. e JONAS RICARDO, G13

O que aprendemos com o trabalho?

Não aprendemos que não podemos ter preconceito com diferentes tipos de pessoas sendo brancas, negras, asiáticas, estrangeiras e etc. A maioria dos entrevistados deram uma resposta positiva. Muitas delas falaram que a mulher negra estava comprando uma roupa, uma sandália de loja, uma grande e até mesmo uma mirim assumindo seu armário. Outros entrevistados disseram que a mulher branca era a esposa do negro presidente JAIR BOLSONARO, uma vendadora de loja ou estava comprando uma roupa.

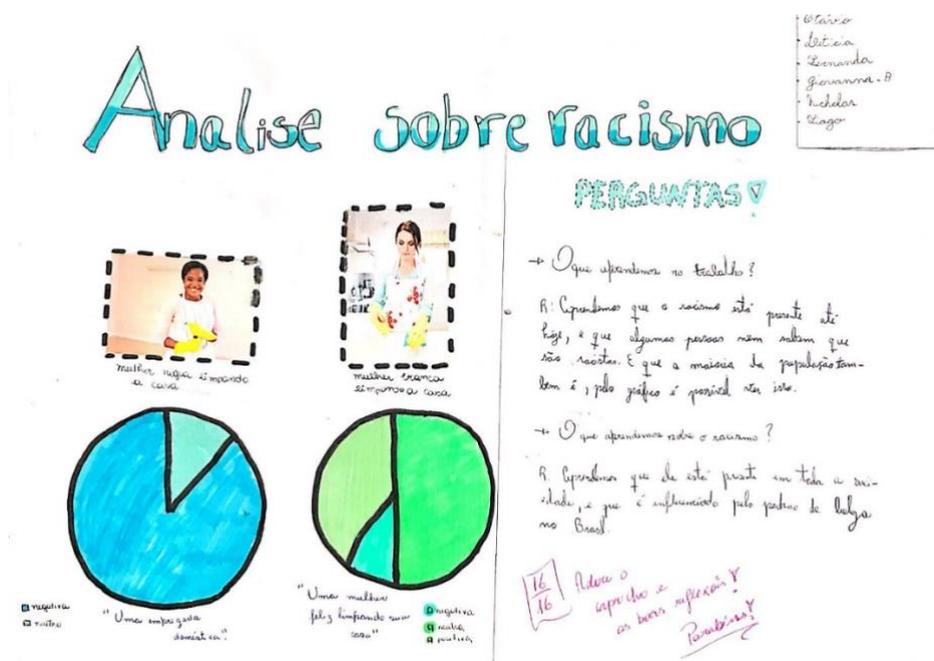
O que aprendemos sobre o racismo?

Não aprendemos que existe uma grande desigualdade quando o assunto é a cor e o racismo. Todos não somos iguais em direção e diferentes aparentemente e fisicamente. Cada pessoa pode ser bem diferente de você mas isso não é motivo para discriminar, tratar mal e principalmente humilhar ou desprezar uma pessoa. O respeito é fundamental na vida de todos. Imagine se isso tivesse acontecido com você, seria muito triste. Não faça com os outros aquilo que você não gostaria que fizessem com você. Para quem é bem tão importante para ela, sabe sobre a realidade que muitas pessoas vivem. Nós devemos ter empatia com o próximo, no caso, se colocar no lugar dele.

16/10
 Não se esqueça de avaliar o trabalho!

positivo
neutro
negativo

Cartaz 3



Os grupos escreveram suas impressões. Abaixo, uma seleção de algumas delas, que demonstram a reflexão das crianças:

- “Aprendemos que as pessoas são racistas pela influência da sociedade e pelos padrões de beleza. Muito nem sabem o que é racismo institucional. Achamos que o racismo é algo que, apesar da luta contra, continua presente em nossa sociedade e que deve ser extinto, pois pode se tornar um grande problema”. (Grupo da turma 6M2)
- “Nós aprendemos que mesmo com tantas informações contra o racismo, ele infelizmente ainda está presente em nosso cotidiano” (Grupo da turma 6M4).
- “Aprendemos que o racismo está presente em toda a sociedade e que algumas pessoas nem sabem que são racistas”. (Grupo da turma 6M2).
- “As pessoas são racistas sem saber por que nossa sociedade foi forjada por um passado muito racista, onde o branco se achava melhor que o negro, o que acabava influenciando ações preconceituosas” (Grupo da turma 6M2).
- “Aprendemos que as pessoas têm opiniões diferentes diante da mesma imagem que podem ser preconceituosas, neutras ou valorizadas”. (Grupo da turma 6M1).
- “Nosso grupo aprendeu com o trabalho que fazer pesquisa é muito legal e que mesmo se fomos recusados a fazer a pesquisa não podemos desistir. Algumas pessoas não querem ser racistas, mas acabam sendo sem saber”. (Grupo da turma 6M2).

- As pessoas, mesmo não sabendo, podem ser racistas, já que nossa sociedade foi forjada por um passado muito racista, onde o branco se achava melhor que o negro e isso acaba influenciando ações preconceituosas (Grupo da turma 6M2).

A título de conclusão, acredita-se que o maior ganho da atividade seja o desenvolvimento e o amadurecimento de um olhar crítico do aluno para as relações sociais, para o mundo de desigualdades que o cerca, para os filmes, músicas e até para as falas dos colegas e adultos. Essa mudança de perspectiva, os ajudará a criar um olhar crítico para ler os ambientes sociais e culturais no qual estão inseridos que os permitirá desenvolver um envolvimento com o meio social mais empático, indo ao encontro das premissas presentes na Declaração Universal dos Direitos Humanos. Todos somos iguais e devemos ser tratados de forma igual. A atividade demonstrou aos alunos do 6º ano que no Brasil, esse princípio fundamental do ser humano ainda está longe de ser atingido. Para ir além do Eurocentrismo em sala de aula é preciso não apenas investir na formação de professores capacitados, modificar o material didático, mas também envolver os alunos em um processo de conscientização da existência no seio da sociedade de relações de preconceito e racismo que se desenvolveram no esteio de um Brasil que cunhou suas bases econômicas com as “mãos e os pés” do trabalhador negro escravizado.

A experiência também tem como grande trunfo forjar olhares menos dispostos a rotular o outro, mais aptos a lidar com a diferença, menos propensos a juízos de valor. A ideia é que os alunos saiam desse estudo do meio portando uma lente para lidar com a realidade que os cerca menos etnocêntrica. Que aprenda a relativizar as “verdades absolutas”, interpretações mais simples dadas pela sociedade e pela Indústria Cultural, e que consiga compreender o outro a partir dos seus próprios valores, tornando-se um cidadão mais empático. De fato, a aprendizagem da etapa letiva dialoga de maneira íntima com a proposta do livro que foi adotado para ser trabalhado mais à frente: “Nascemos Livres”²⁸, uma versão ilustrada da Declaração Universal dos Direitos Humanos. Aprender sobre preconceitos e reconhecer ao seu redor um ambiente social que reproduz diariamente o racismo em sua estrutura de funcionamento, foi um primeiro passo para que eles reconheçam a importância de uma frase que parece tão simples, mas que foi e é esquecida de tantas maneiras ao longo da história da humanidade: todos os seres humanos nascem livres e iguais em dignidade e em direitos.

²⁸ QUEIROZ, Bartolomeu Campos. *Nascemos Livres*. São Paulo: SM Editora, 2008.

Filmografia

Depoimento de Neil DeGrasse Tyson. Disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=azH49eq9rcg> Acesso em: 30 de jun. 2019.

Racismo Institucional – teste de imagem- Campanha Governo do Paraná. Disponível em:

https://www.youtube.com/watch?v=JtLaI_jcoDQ Acesso em 30 de jun. 2019

Teste da boneca – versão americana - Disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=DDO3RrxmCeQ> Acesso em: 30 de junho de 2019

Teste da boneca - Reprodução do vídeo italiano. Disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=CdoqqmNB9JE> Acesso em: 30 de junho de 2019

Olhos Azuis. Direção: Bertram Verhaag | Roteiro: Jane Elliott | Ano: 1996 | Duração: 1h e 33min. Disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=In55v3NWHv4> Acesso em: 30 de jun. 2019.

Comercial Ariel sobre tarefas domésticas

<https://www.youtube.com/watch?v=8j8CVIIIJUo> Acesso em 07 de ago. 2019.

Bibliografia

BITTENCOURT, Circe M. Fernandes. *Ensino de História: fundamentos e métodos*. São Paulo: Cortez, 2005.

BIROLI, Flávia. *Divisão Sexual do Trabalho e Democracia*. In: DADOS – Revista de Ciências Sociais, Rio de Janeiro, vol. 59, no 3, 2016. pp. 719 a 681.

BORTOLUCI, José Henrique. *Para além das Múltiplas Modernidades: Eurocentrismo, Modernidade e as Sociedades Periféricas*. In: PLURAL, Revista do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da USP, São Paulo, v. 16, n. 1, pp. 53-80, 2009.

DE ALMEIDA, Silvio Luiz. *O que é racismo estrutural?*. Belo Horizonte: Letramento, 2018.

LARAIA, Roque de Barros. *Cultura, um conceito Antropológico*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. 2001.

MACHADO, Celso Júnior, BAZANINI, Roberto e MANTOVANI, Daielly Melina Nassif. *O mito da democracia racial no mercado de trabalho: análise crítica da participação dos afrodescendentes nas empresas brasileiras*. Revista Organizações & Sociedade - v. 25, n. 87, p. 632-655, out./dez. 2018 DOI 10.1590/1984-9250875 | ISSN Eletrônico – 1984.

MARTINEZ, Aldilson, LEME, Ricardo Carvalho. O trabalho de Campo como metodologia de Ensino de Geografia – o estudo de caso da Vila Malvima – Guaíra/ PR. Disponível em: http://www.gestaoescolar.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/producoes_pde/artigo_adilson_martinez.pdf. Acesso em 30 de jun. 2019.

NAACP Legal Defense and Educational Fund, Inc “*The significance of “The Doll test”*”. Disponível em <https://www.naacpldf.org/ldf-celebrates-60th-anniversary-brown-v-board-education/significance-doll-test/> Acesso em 30 de jun. 2019

QUEIROZ, Bartolomeu Campos. *Nascemos Livres*. São Paulo: SM Editora, 2008.

ROBYN, Ingrid. *Capitalismo, esquizofrenia e raça. O negro e o pensamento negro na modernidade ocidental*. In: Topoi (Rio J.) vol.18 no.36 Rio de Janeiro Sept./Dec. 2017

ROCHA. Everardo Guimarães P. *O que é etnocentrismo*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1989.

KELLNER, Douglas. “Lendo imagens Criticamente: em direção a uma pedagogia pós-moderna”. In. *Alienígena na sala de aula – uma introdução aos estudos culturais em educação*

SILVA, Tomaz Tadeu. (org) Autêntica. Belo Horizonte. 1999.

Priscila Aquino Silva: Pós-doutoranda em História Antiga e Medieval pela UFF, professora da pós-graduação da Faculdade de São Bento e professora da rede privada de ensino no Instituto GayLussac.

Como citar este artigo:

Silva, Priscila Aquino; “PRECONCEITO EM FOCO NA SALA DE AULA: ENTRE O DEBATE O TRABALHO DE CAMPO” .In REVISTA TRANSVERSOS. "Dossiê: TEORIA, ESCRITA E ENSINO DA HISTÓRIA: ALÉM OU AQUÉM DO EUROCENTRISMO?". Nº 16, Agosto, 2019, pp. 167-183 Disponível em <<https://www.epublicacoes.uerj.br/index.php/transversos/index>>. ISSN 2179-7528. DOI:10.12957/transversos.2019.44687